



1. O lugar dos Franciscanos da Reconciliação na história [1]
por Edison Minami [2]

Uma das maiores preocupações dos historiadores modernos é a questão da recuperação da memória. Em texto de Jacques Le Goff [1], o famoso historiador francês alerta os leitores para o inexorável perigo de fatos históricos serem esquecidos, em detrimento de outros, aparentemente mais importantes. Marc Bloch também alertava na sua *Apologia à história* sobre a fortitude que as guerras, os cenários, as revoluções trouxeram e continuam a trazer para o historiador [4]. Essa constante necessidade de perpetuarmos a memória de povos e instituições sem sombra de dúvida é uma das tarefas mais urgentes e importantes para o historiador.

Assim como as instituições civis e militares, as Igrejas também são atravessadas por disputas entre diversos grupos [5], não concordando com o senso comum de que as Igrejas são denominações religiosas centralizadas e imutáveis ao longo do tempo. A vontade de impor uma visão de Igreja, e condenar outra(s) ao esquecimento é sem dúvida grande. Nós brasileiros sabemos muito bem o que é isso, pois vemos os embates de diversos grupos como CEBs, Renovação Carismática Católica, Focolares, entre outros, com uma visão distinta de Igreja. É aqui que situamos os franciscanos da reconciliação, na particular autocompreensão de ser Igreja do movimento ecumênico, que aspira a reunião dos cristãos separados [6]. Para melhor compreensão vamos resumir a obra desses religiosos.

Fundados por Paul James Francis [7] e Lurana White [8] em 1898 na localidade de Graymoor, NY, foram inspirados pelo franciscanismo sendo discriminados pelas denominações Católica Romana e Episcopal Anglicana [9]. Após um longo período de hesitação e perseguição em 1909 converteram-se ao Catolicismo [10].

A iniciativa mais original dos Franciscanos foi a criação da *Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos (1907)*, uma seqüência completa de orações pela Unidade que abrangeriam os oito dias entre a festa da Catedral de São Pedro e a da conversão de São Paulo. Paul Wattson e Spencer Jones (episcopal). Eles criaram uma novena de orações pela unidade que aspirava a conversão ao catolicismo dos demais cristãos [11], o que limitou o alcance da semana apenas entre católicos.

A congregação possuía poucos membros, quase desaparecendo após a morte de seus fundadores (Fr. Lurana White faleceu em 1935 e Paul Wattson em 1940), mas vinte anos depois as constituições dos franciscanos da reconciliação foram aprovadas (1960) [12].

Com a celebração do Concílio Vaticano II (1962-1965) veio a ordem do Papa Paulo VI para que os franciscanos da reconciliação atualizassem seus estatutos, o que ocorreu em 1972, durante o Capítulo Geral da Ordem. Atualmente dirigem a *Casa Generalícia* em Roma (Santo Onofrio Gianicolo), um centro de estudos sobre ecumenismo (*Centro Pro Unione*, Piazza Navona-Roma), além da sede geral em *Graymoor*, já citada. O carisma da congregação é duplo: missão e ecumenismo.

Em 1963 iniciaram missões em Jataí e Rio Verde, cidades do sul de Goiás, sob a responsabilidade de D. Benedito Domingos Coscia, OFM que havia escrito uma carta ao *Ministro Geral* dos Franciscanos da Reconciliação, D. Bonaventure Koelzer, solicitando frades para atuar como missionários.

Os trabalhos nessas localidades não foram nada fáceis. A documentação consultada apontou uma série de desafios: a barreira da língua, os hábitos do povo; um desencanto com o trabalho missionário provocado pela falta de recursos materiais e humanos fizeram com que freis e freiras retornassem para os Estados Unidos; além do desafio de conciliar um novo e renovador discurso religioso, no caso o discurso do Concílio Vaticano II e o ecumenismo com as práticas populares de devoção:

“Portanto, evangelizar este povo que deveria ter conhecimento básico da doutrina da sua fé católica era uma coisa. Outra coisa era atualizar o povo de acordo com a mudança preconizada pelo Concílio Vaticano II. Tudo isto pos a prova à ingenuidade criativa das Irmãs e Frades, consumindo muita energia” [13].

Em 1971, durante visita do Ministro Geral dos franciscanos da reconciliação ao Brasil foi estabelecido contato prévio com D. Paulo Evaristo Arns [14], arcebispo de São Paulo. Em outra ocasião (1973) na sede da CNBB, na época no Rio de Janeiro, os frades conheceram Pe. Paulo Homero Gozde, SSS responsável pela *Comissão de Ecumenismo da Arquidiocese (CEA)*. Esses contatos preliminares reforçam a suspeita de que eles apostavam alto no trabalho ecumênico em São Paulo, ao contrário do trabalho missionário desenvolvido em Goiás.

Os Franciscanos chegaram a São Paulo em 1977, e residiram no Convento dos frades franciscanos capuchinhos até o ano de 1982 quando foi inaugurada a *Casa da Reconciliação*, residência definitiva. A chegada dos frades marcou uma nova fase no desenvolvimento do movimento ecumênico.

Precisamos destacar a formação do MOFIC (Movimento de Fraternidade de Igrejas Cristãs) em Janeiro de 1977, voltado para o diálogo e movimento ecumênico; e o CEDRA (Comissão de Ecumenismo e Diálogo (Inter) Religioso da Arquidiocese de São Paulo), voltado para a formação de católicos para a pastoral de ecumenismo, duas entidades que organizaram diversas iniciativas, como encontros anuais de lideranças cristãs, a criação da pastoral (ecumênica) do menor, grupos ecumênicos de canto sacro, além da formação de grupos leigos engajados na pastoral de ecumenismo, os chamados Regionais do CEDRA, que deveriam multiplicar a frascificação ecumênica pelas paróquias da arquidiocese de São Paulo [15]. Anos depois, em 1994, os frades deixaram definitivamente o Brasil.

Minha pesquisa visava inicialmente tratar apenas do desenvolvimento do ecumenismo na Arquidiocese de São Paulo, mas ao me deparar com essa inusual congregação religiosa, ela se tornou o foco central de minhas análises. De fato, os franciscanos da reconciliação tornaram-se um capítulo perdido, porém importante no desenvolvimento do ecumenismo em nosso país. E o trabalho procurou entender os motivos que os obrigaram a abandonar o trabalho missionário em Goiás a coordenação da pastoral de ecumenismo em São Paulo.

Podemos começar dizendo que o evento Vaticano II criou tensões dentro da congregação, pois o ecumenismo propagado pelo Concílio foi interpretado como superação da apologética (necessidade de defender a Igreja dos ataques externos) e da necessidade de conversão ao catolicismo, conforme seu fundador havia concebido.

Nos anos sessenta e setenta do século vinte muito se debateu a respeito dessa superação da velha Igreja, e o nascimento de novas propostas eclesiais [16], obrigando os franciscanos da reconciliação a repensar sua atuação referente à missão e o ecumenismo. Conseqüência desses debates foi que o Ministro Geral da congregação e os dirigentes passaram a desestimular o trabalho missionário, interrompendo o fluxo de novos frades e freiras para Goiás.

Um particular a ser destacado aqui foi o descompasso entre os franciscanos e os fiéis atendidos. Na documentação encontramos desabafo dos próprios frades:

“Não lhes entra na cabeça que renovar uma igreja não necessariamente trará a mudança de costumes centenários como trazer jornal para ajoelhar-se ou cachorros para a igreja”

“O que agravou mais a nossa dificuldade foi o fato que nenhum de nós estava preparado apropriadamente para servir nesta missão. Além do mais, até no curso de língua portuguesa que nós tivemos no Brasil, não nos foi dado orientação prática para a inculturação. Uma coisa é ser informado e sobre o Brasil, sua história. Outra coisa bem diferente é sensibilizar uma pessoa, como se comportar no Brasil afeta a ela ou ele, e como resolver isto. O que também necessita ser lembrado é o fato que a nossa missão estava localizada numa rústica região de fazenda, ainda não alcançada pelo moderno progresso técnico corrente nos Estado Unidos na década de 60” [17].

Vala a pena lembrar que o modelo de Igreja em questão era o Pós-Vaticano II, e não o Tridentino, o que levanta interessantes questões sobre a capacidade de entendimentos dos fiéis perante as inovações, por um lado, e a metodologia de abordagem, por outro, pois estamos falando de populações enquadradas no chamado catolicismo popular.

Já sobre o trabalho dos frades da reconciliação em São Paulo, notamos uma presença mais de fundo no desenvolvimento da pastoral de ecumenismo, mas não menos importante. O CEDRA havia se dividido em 1982 de acordo com as Regiões da Arquidiocese de São Paulo: Centro, Santana, Santo Amaro, Ipiranga, Osasco, Lapa, Belém, São Miguel Paulista. O ponto a ser destacado é a heterogeneidade dos resultados. A única região que manteve uma certa constância em seus resultados foi a Região Santana, graças a presença de uma segunda entidade, o MUC (Movimento de Unidade Cristã) [18], que garantia uma melhor organização das atividades.

Em outras Regiões (Centro e Ipiranga) notamos uma maior dificuldade para se aplicar o movimento ecumênico causada pela resistência dos párocos ao ecumenismo, de um modo geral, e a resistência dos fiéis ao pensamento ecumênico, mais em particular.

Não podemos esquecer também que estamos falando de Regiões mais afastadas do centro da cidade de São Paulo onde infelizmente o número do pessoal engajado no ecumenismo era menor, já que em 1979, havia sete membros atuando na Região Centro e apenas um para cada uma das Regiões restantes. Também não podemos esquecer a presença de diversas denominações cristãs e não cristãs que se aproveitaram da menor presença de católicos e praticam um forte proselitismo. Esses grupos, pejorativamente chamados de seitas, são ainda hoje um dos maiores obstáculos ao movimento ecumênico [19].

A divisão da arquidiocese de São Paulo em 15/03/1989 também influenciou no desenvolvimento do movimento ecumênico. Nessa divisão as regiões de Osasco, São Miguel Paulista e Santo Amaro passaram a ser dioceses independentes, o que sem dúvida desestruturou o trabalho que o CEDRA e o MOFIC desenvolviam nessas antigas regiões. Reduziram cinco novas dioceses, o que diminuiu o poder do cardeal de São Paulo. Com a área da diocese reduzida, e já atingida sua idade limite de 75 anos, em 1996 D. Paulo entregou sua carta de demissão, juntamente com a sua indicação de sucessor. D. Arns esperava pelo menos conseguir indicar seu sucessor, garantindo assim uma continuidade dentro de sua maneira de atuar. O pedido não foi aceito. Em 1998 assumiu D. Cláudio Hummes, que naquele momento se colocava como um bispo de centro, mais conservador que seu antecessor. A divisão da arquidiocese de São Paulo foi uma resposta de Roma do cardeal Arns aos movimentos populares:

“O motivo principal para a não-aprovação das dioceses interdependentes foi o poder. O poder que o cardeal passaria a ter e o poder que Roma deixaria de ter” [20].

Isso refletiu negativamente no trabalho do CEDRA e do MOFIC devido ao apoio que a pastoral de ecumenismo encontrava nesses meios, além é claro da diminuição da área em que poderiam atuar.

Outro problema muito debatido é o volume de participação de pessoas nas atividades. Na documentação encontramos relatos que tratam de cerimônias ecumênicas que contavam com pouco mais de cinquenta pessoas [21]. Mas não podemos querer comparar a pastoral ecumênica com os movimentos carismáticos (católicos ou pentecostais) de nossos tempos. Essa comparação seria injusta já que havia o embate de fundo entre duas visões de Igreja: a visão católica romana que encara a unidade dos cristãos em torno do Papa, e a do movimento ecumênico, que propõe o diálogo entre os cristãos de diversas denominações.

O sucesso da divulgação do movimento ecumênico não pode ser encontrado em números absolutos. Devem ser utilizados critérios que levem em conta a origem cultural da noção de ecumenismo no ocidente [22]. A partir dela poderemos falar de sucesso ou não do movimento ecumênico.

Um último ponto: o drama dos vocacionados para a congregação dos franciscanos da reconciliação. O programa gozou de um interesse inicial grande. Jovens de diversos estados escreveram cartas demonstrando interesse em postular, sendo aberta uma casa em Recife-PE para abrigar os candidatos. Pe. Kenneth Michael Hall assim tratou dessa candente questão:

“Não houve colaboração ‘física’ na parte dos membros da congregação, pois as mudanças que a vida religiosa sofrera nos anos 80 não contribui para aquecer o espírito missionário e os candidatos brasileiros que nos apareceram não teve base suficiente para manter sua vocação. Também alguns dos frades ‘americanos’ não tiveram o dom de adaptar-se a ‘conviver’ com brasileiros que um dia poderia tornar-se ‘nossos superiores’”. (...)

“Sei que o trabalho ecumênico iniciado em São Paulo foi uma iniciativa sincera, mas totalmente irreal. Tentaram instalar algo que era e é o carisma dos Frades da Reconciliação num país cuja realidade ecumênica é bem distante da realidade ecumênica sendo vivida nos Estados Unidos naquela época. Por isso, acredito que o fechamento das missões e do Centro Ecumênico em São Paulo foi principalmente por falta de conhecimento ‘cultural’ na parte dos superiores nos EE.UU que tomaram certas decisões baseadas sobre sua ‘amizade’ e não sobre a experiência dos Frades que tiveram mais tempo no Brasil” [23].

A explicação dele para o fracasso das missões em Goiás e do ecumenismo em São Paulo não poupa ninguém: o Ministro Geral e seus ex-companheiros, acusados de estreiteza de visão por não terem levado em conta a experiência dos frades no Brasil. Ele acaba raciocinando a partir de uma dicotomia criada dos franciscanos versus a realidade religiosa no Brasil.

Além desse problema, devemos somar questões referentes à própria saúde dos religiosos, além da reorientação da direção dos frades. A fim de encerrar o trabalho dos frades da reconciliação no Brasil, o arquivista de Graymoor foi enviado para realizar o levantamento de material e levá-lo para os EUA, o que ajuda a explicar porque há tanta dificuldade em se coletar dados sobre o trabalho dos frades no Brasil [24].

Desse modo, a questão da recuperação da memória desses frades tão inusuais e curiosos só se torna a cada dia mais e mais urgente, para historiadores, teólogos e antropólogos.

BIBLIOGRAFIA:

BLOCH, Marc. *Introdução à história*. Trad. Maria Manuel-Rui Grácio-Vitor Romaneiro. Lisboa, Portugal. Europa-América. 1997.

Col. *Estudos da CNBB, No. 21*. São Paulo, Paulinas. 1979.

CRANNY, Titus. *Padre Paulo – apóstolo da Unidade*. Petrópolis, Vozes. 1966.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador, Vols. I e II*. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 1994.

LE GOFF, Jacques. ‘Verbete memória’, in: *Enciclopédia Einaudi, Memória-História*. Campinas. Ed. Unicamp. 1990. p. 11-50.

LIBÂNIO, J.B. *A volta à grande disciplina*. São Paulo, Loyola. 1983.

MARTIN, Malcolm. AS. ‘Brazil: foundation and ecumenism – personal reflections of Fr. Malcolm Martin SA’, in: *Heritage magazine*. Garrison, New York. Vol. 4, Number 3, 1997.

MAZZOLENI, Gilberto. *O planeta cultural – para uma antropologia histórica*. Trad. Lílana Laganá – Hyllo Laganá Fernandes. São Paulo, EDUSP. 1992.

PAGDEN, Anthony. *La caída del hombre natural*. Trad. Belén Urrutia Domínguez. Madrid, Alianza Editorial. 1988.

PELLICCIA, Guerrino – ROCCA, Giancarlo. *Dizionario degli Istituti di Perfezione – IV – Figlie di Santa Teresa – Intreccialagli*. Roma. Edizione Paoline. 1977.

PRANDI, Reginaldo. ‘Religião, biografia e conversão: escolhas e mudanças’, in: *Revista Tempo e Presença*. Ano 22-No. 310. Rio de Janeiro, Koinonia. Março/Abril de 2000.

SKINNER, Quentin. *Los fundamentos del pensamiento político moderno*. Vol. II – La Reforma. México, D.F. 1ª Reimpresión. 1993.

SYDOW, Evanize – FERRI, Marilda. *Dom Paulo Evaristo Arns – um homem amado e perseguido*. Petrópolis. Vozes. 1999. p. 341.

[1] Trabalho apresentado no XVII Encontro Regional de História, *O lugar da História*, a ser realizado no IFCH-UNICAMP, Campinas. (06 a 10 de setembro de 2004).

[2] Mestrando em História Social pelo Departamento de História da FFLCH-USP. Bolsista CAPES.

[3] Cf. LE GOFF, Jacques. ‘Verbete memória’, in: *Enciclopédia Einaudi, Memória-História*. Campinas. Ed. Unicamp. 1990. p. 11-50.

[4] Cf. BLOCH, Marc. *Introdução à história*. Trad. Maria Manuel-Rui Grácio-Vitor Romaneiro. Lisboa, Portugal. Europa-América. 1997.

[5] PRANDI, Reginaldo. “Religião, biografia e conversão: escolhas e mudanças”, in: *Revista Tempo e Presença*. Ano 22-No. 310. Rio de Janeiro, Koinonia. Março/Abril de 2000.

[6] (...) falando mais estritamente, entendemos por movimento ecumênico as atividades de caráter institucional e organizativo, de cunho interconfessional visando uma maior unidade visível da Igreja, para que o testemunho do Evangelho seja crido”. Guíea ecumênico, in: *Col. Estudos da CNBB, No. 21*. São Paulo, Paulinas. 1979. p.178. Infelizmente não temos como oferecer uma definição mais pormenorizada do que é o ecumenismo, pois aqui apenas tratamos da pastoral de ecumenismo desenvolvida pela Igreja Católica Romana, deixando de lado o longo desenvolvimento do movimento ecumênico por parte dos protestantes, justamente os criadores do movimento ecumênico.

[7] Era norte americano, nascido em 1863 em Millington, Condado de Kent, Maryland, sendo filho de pastor episcopal. Cedo tornou-se interessado na vida clerical, provavelmente devido à influência do pai. Ordenou-se pastor em 1885 no St. Paul’s Church em Centerville, Maryland aos 23 anos de idade e a primeira paróquia que dirigiu foi a Igreja Episcopal de St. John em Kingston, New York. Ele era um dos que aguardavam o reconhecimento das ordenações anglicanas pela Igreja Católica Romana, mas em 1893 o papa Leão XIII através da bula *Apostolicae Curae et Caritatis* (13/09/1896) as considerou inválidas.

[8] Lurana White vinha de uma família abastada de New York, sua linhagem remontava aos fundadores das primeiras comunidades nos Estados Unidos, e também da nobreza medieval, retrocedendo assim sua linhagem até os normandos.

[9] A origem da Igreja Anglicana remonta aos anos da presença romana nas ilhas britânicas por volta do séc. III da era cristã. Na visão dos anglicanos, Henrico VIII não fundou uma nova Igreja, mas ressaltou essa herança antiga. Até a independência dos Estados Unidos da América do Norte (1776-1781) todos os anglicanos em solo americano estavam ligados a sede em Cantuária (Canterbury). A partir da independência política, os anglicanos em solo americano passaram a se denominar episcopais. Desse modo, Paul James Francis (Paul Wattson) era pastor episcopal anglicano.

[10] CRANNY, Titus. *Padre Paulo – apóstolo da Unidade*. Petrópolis, Vozes. 1966. p. 48-49.

[11] “18 de janeiro (A Festa da Separada de S. Pedro em Roma) – À volta de outros rebanhos do Rebanho Único do Cristo; 19 de janeiro – À volta da Comunidade Católica Oriental com a Sé Apostólica; 20 de janeiro – A submissão dos Anglicanos perante a Autoridade do Vigário de Cristo; 21 de janeiro – Que os Luteranos e outros Protestantes da Europa Unificada poderiam aderir ao caminho de volta para a Santa Igreja; 22 de janeiro – Que os Cristãos na América poderiam tomar-se Um na União com a Catedral de S. Pedro; 23 de janeiro – Retorno aos Sacramentos dos prescritos Católicos; 24 de janeiro – A Conversão dos Judeus; 25 de janeiro – (Festa da Conversão de S. Paulo) – A Conversa pelos Missionários do mundo para o Cristo”

[12] “Dopo breve tempo fu ricevuta nell’Ordine francescano come comunità del Terz’ordine regolare, e il 25.7.1932 fu aggregata al F.Minori. Nel 1951 ricevette il decreto di lode, e nel 1960 l’approvazione definitiva delle costituzioni”. PELLICCIA, Guerrino – ROCCA, Giancarlo. *Dizionario degli Istituti di Perfezione – IV – Figlie di Santa Teresa – Intreccialagli*. Roma. Edizione Paoline. 1977. 821-822.

[13] “Thus, evangelizing so that the people would have knowledge of the basic tenets of their Catholic faith was one thing. The other was up-dating the people in accordance to the changes advocated by the Vatican II Council. All of these tested the Friars and Sisters creative ingenuity, demanding much energy”. MARTIN, Malcolm. AS. ‘Brazil: foundation and ecumenism – personal reflections of Fr. Malcolm Martin SA’, in: *Heritage magazine*. Garrison, New York. Vol. 4, Number 3, 1997. p. 1-30. p. 20.

[14] Em 1971 ou 1972, depois que o nosso Ministro Geral, que vinha o trabalho em Jataí, fez uma visita com os freis em Goiás, ele, antes de voltar para os nossos Estados Unidos, encontrou o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns em São Paulo e conversou sobre a possibilidade de mandar alguns freis para trabalhar em Jataí, ambos no setor de Ecumenismo e Missão. Dom Paulo foi muito favorável”. Carta de Frei Leonardo Martin enviada em 27/03/02.

[15] “No trabalho do diálogo, eles reestruturaram a CEA que era Comissão Ecumênica arquidiocesana, e se tornou mais tarde a Comissão de Ecumenismo e Diálogo Religioso da Arquidiocese de SP. Depois fundando também o MOFIC que começou com quatro Igrejas e depois mais para frente entraram mais duas Igrejas dentro dessa dimensão. Então isso sempre foi muito importante: a atuação”. “Também o início do Diálogo da Comissão Anglicana Católica, a Comissão Nacional também foi com a presença de uma articulação, e também a Comissão do Diálogo Judeu-Católico”. De modo particular com Frei Leonardo [Martin], ele estava à frente do ecumenismo aqui na Arquidiocese de SP, mas ele que era o responsável e a pessoa de confiança do Cardeal”. Entrevista de Pe. José Bizón (atual diretor da Casa da Reconciliação) concedida em 29/07/2002.

[16] Cf. LIBÂNIO, J.B. *A volta à grande disciplina*. São Paulo, Loyola. 1983.

[17] Cf. MARTIN, Malcolm. AS. ‘Brazil: foundation and ecumenism – personal reflections of Fr. Malcolm Martin SA’, in: *Heritage magazine*. Garrison, New York. Vol. 4, Number 3, 1997. p. 1-30. p.14 e 17.

[18] Na documentação, encontramos a seguinte descrição do MUC: “Como fruto da Pastoral de Ecumenismo nasceu em 1986 o Movimento de Unidade dos Cristãos (MUC) da Zona Norte, fundado por iniciativa de alguns membros da CEDRA em conjunto com cristãos de Igrejas Evangélicas. Este movimento realizou uma série de eventos de formação dos agentes de ecumenismo e de muitos leigos”. ‘Boletim Reconciliação’ No. 45, Setembro de 1994, in: *Arquivo da Casa da Reconciliação, Pasta Boletim Reconciliação (83-95)*.

[19] Em uma reunião ocorrida em 25/11/1986, foram enumerados quatro desafios ao movimento ecumênico em São Paulo, na ordem: 1)A presença de seitas religiosas; 2)A existência de ex-católicos seculares; 3) Desinteresse de clérigos e leigos pelo ecumenismo; 4)Críticas a Igreja Progressista e a Teologia da Libertação. In: *Arquivo da Casa da Reconciliação, Pasta Relatórios CEDRA (86-94)*.

[20] SYDOW, Evanize – FERRI, Marilda. *Dom Paulo Evaristo Arns – um homem amado e perseguido*. Petrópolis, Vozes. 1999. p. 341.

[21] No Regional Santana encontramos os seguintes dados para os anos de 1992 a 1994: 1992 – 30 Igrejas (católicas ou não) celebrando a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, com participação de cerca de 1000 pessoas; 1993 – 27 paróquias católicas e 5 não católicas; 1994 – 24 paróquias católicas, 5 não católicas, com a presença total de 1432 pessoas. Cf. Boletim Reconciliação Nos. 36, 40 e 44. (Jun.92, Jul.93, e Jun.94), in: Arquivo da Casa da Reconciliação, Pasta Boletim Reconciliação (86-94).

[22] A lista a seguir não pretende ser exaustiva, apenas queremos indicar algumas obras que discutem as origens da noção de ecumenismo, inserida dentro da cultura ocidental. Para uma visão geral, sugerimos: ELIAS, Norbert. *O processo civilizador, Vols. I e II*. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 1994.; MAZZOLENI, Gilberto. *O planeta cultural – para uma antropologia histórica*. Trad. Lílana Laganá – Hyllo Laganá Fernandes. São Paulo, EDUSP. 1992.; PAGDEN, Anthony. *La caída del hombre natural*. Trad. Belén Urrutia Domínguez. Madrid, Alianza Editorial. 1988. ; SKINNER, Quentin. *Los fundamentos del pensamiento político moderno*. Vol. II – La Reforma. México, D.F. 1ª Reimpresión. 1993.

Para uma visão do ecumenismo nos dias atuais, indicamos: MONTEIRO, Paula. (Org.). *Entre o mito e a história*. Petrópolis, Vozes. 1996.

[23] E-mail de Kenneth Michael Hall, enviado em 03/02/02.

[24] “Since it was only a matter of time before the Friars were due to leave Brazil it was decided that Bro. Denis Sennett, the Friars’ Archivist, should come to Sao Paulo and look over materials that would be sent to the States and kept in our Archives”. MARTIN, Malcolm. AS. ‘Brazil: foundation and ecumenism – personal reflections of Fr. Malcolm Martin SA’, in: *Heritage magazine*. Garrison, New York. Vol. 4, Number 3, 1997. p. 1-30. p. 28